

ANTONIO DE A. FIGUEIREDO

Lembro-me bem, nas décadas de 50 e 60, como era boa, bem-vista e benquista a Escola Pública. Regra geral, deixava longe a particular. Seus professores e alunos orgulhavam-se de "estar na Escola Pública" (EP). Os primeiros, em sua maioria competentes e dedicados, associados aos segundos, briosos e quase sempre desejosos de aprender, formavam uma força positiva invejável. Com propriedade, costumava se dizer que eram "o futuro do Brasil".

"A Escola Pública ia tão bem que dava inveja. E foi, de fato, a cobiça que a empurrrou para o abismo em que hoje se encontra. Como e por que isso aconteceu? A quem interessava sua desintegração? Quem ganhou e quem perdeu?"

Hoje, quando a Universidade pública brasileira envereda pelo mesmo caminho, sujeita aos mesmos perigos, seria oportunno e necessário refletir e rever como se deu o processo de deterioração da escola no passado. Quem sabe, analisando o ocorrido há quatro décadas, poderíamos tirar algumas conclusões que nos ajudassem a entender o que agora está acontecendo com a Universidade!

Sem dúvida, a escola foi lenta, gradativa e continuamente desacreditada e minada. O processo, apesar de longo, foi simples: extirpou-se o orgulho, o brio e a dedicação, tanto dos seus professores quanto dos seus alunos. Foram desintegrados. Expostos ao ridículo.

Para começar, foram os professores submetidos a um tratamento desmoralizante. Deixados nus perante seus alunos e perante a sociedade. De "sapato furado", de "tanga" e a "pão com manteiga", como se dizia na época. Assim, em breve perderam o orgulho, o amor próprio e a dignidade, restando-lhes a resignação. A esta altura, a "força oculta" ou o "sistema" ou como cada um queira chamar,

comemorando, passava a ditar as novas regras do jogo.

Os professores da outrora ativa, presente e homogênea EP transformaram-se em maratonistas que, para sobreviver, passaram a fazer longos percursos para "dar aula", em três ou quatro escolas ou colégios. Para defender sua "cesta básica", eles se submeteram e se transfiguraram. Sem poder atualizar-se, sem poder dar aulas dignas porque a "força oculta" lhes tirara todos os recursos materiais, intelectuais e morais, sem tempo para seus estudantes, sem tempo para suas famílias e, o que é pior, sem tempo para si mesmos, tornaram-se presas fáceis. Como desmoralizados prisioneiros de guerra, "convertidos" a uma nova doutrina.

Diante deste quadro, o estudante, sem referencial e sem alguém em quem se espelhar, adotou a mesma postura, passando a trilhar caminho idêntico. Desinteresse, indiferença e apatia. Descrente, não mais se envolve e pouco se emociona.

A EP morreu! Viva a EP! Só que esta segunda EP passa a significar Escola Particular. Obviamente, a mídia e os interessados incumbiram-se de criar e comercializar o novo modelo. A "escola paga" é transformada em um novo símbolo de status e consumo. Para esta transferiram-se as esperanças do cidadão comum educar seus filhos, mesmo pagando o que não pode.

Mas afinal, a Escola Pública morreu? É claro que não. Apenas lhe tiraram a alma, a luz dos olhos e a percepção. Continua por aí aéfala, inerte, trópega e empoeirada. Típico exemplo de crime perfeito. Morto sem vítima.

E como a história, deveras, se repete, é esta mesma fórmula que o "sistema" vem aplicando à Universidade pública brasileira. Ela já está passando pelas mesmas privações e recebendo "tratamento de choque" idêntico aqueles aplicados à escola. Ao mesmo tempo, é submetida a um sério confronto com a opinião pública. Como fato novo, em relação ao passado, surgiu

uma agravante: o poder da comunicação e do marketing bem como os interesses de hoje são mais eficientes e fortes do que os de há quatro décadas.

Os processos de colisão com a sociedade, de desmantelamento e de enfraquecimento desencadeados contra a Universidade estão a pleno vapor. Freqüentes artigos desmerecedores que aparecem em jornais de grande circulação aliados à recente publicação de uma conceituada revista semanal, apontando as grandes mazelas da Universidade, muito vêm contribuindo para desacreditá-la. A grande injustiça da tal revista foi ter-se preocupado em mostrar só o lado ruim. Com o mesmo sensacionalismo, com o mesmo espaço e com a mesma ênfase poderia e deveria, se fosse justa, mostrar também as tantas coisas boas e úteis que a Universidade realizou através dos séculos e continua realizando. Seria apenas uma questão de ótica e de vontade de ser imparcial, respeitando a verdade.

De fato a realidade constata que a poubreza de recursos materiais é grande; que o cerco e o laço impostos pelo próprio Governo apertam; que a integridade e a "autonomia" das Universidades são duas falácias; que a bomba de efeito desintegrador está armada; que o patrão, o Governo, mais preocupado com sua imagem do que com o intelecto da Nação, faz ouvidos de mouco ante o clamor geral. Será possível, ainda, desativar o petardo? Haverá tempo para uma resistência organizada, visando salvar este precioso bem que a todos pertence? Afinal, o que é de todos uns poucos não podem destruir! Onde estão os líderes para guiar e salvar o rebanho? Ainda resta algum brio ou há apenas interesses isolados?

Decididamente, a Universidade pública brasileira precisa de compreensão e ajuda. Ela pede socorro!

Antonio de A. Figueiredo, professor da UFRJ, doutor pela Universidade de Wurzburg, Alemanha, pós-doutorado na Universidade do Arizona e ex-professor adjunto da Universidade da Flórida.